



FACULDADES MAGSUL

MAYRA ALINE CLARINDO VIANA

**DISLEXIA, IDENTIFICAR OU DIAGNOSTICAR PARA A
INCLUSÃO ESCOLAR ACONTECER: UM ESTUDO DE
CASO EM PONTA PORÃ**

**PONTA PORÃ
2019**

MAYRA ALINE CLARINDO VIANA

**DISLEXIA, IDENTIFICAR OU DIAGNOSTICAR PARA A
INCLUSÃO ESCOLAR ACONTECER: UM ESTUDO DE
CASO EM PONTA PORÃ**

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul de Ponta Porã, como exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Professora Esp. Andréa Peralta Freitas.

PONTA PORÃ
2019

ERRATA

FOLHA	LINHA	ONDE LÊ	LEIA-SE

MAYRA ALINE CLANRINDO VIANA

**DISLEXIA, IDENTIFICAR OU DIAGNOSTICAR PARA A
INCLUSÃO ESCOLAR ACONTECER: UM ESTUDO DE
CASO EM PONTA PORÃ**

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul de Ponta Porã, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Esp. Andréa Jara Peralta Freitas.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Esp. Andréa Peralta Freitas.
Instituição Faculdades Magsul.

Membro: Pro.^o Me. Rubens de Oliveira Paz
Instituição Faculdades Magsul.

Ponta Porã, 17 de dezembro de 2019.

Dedico este trabalho exclusivamente a minha mãe Marinês Benites Clarindo Viana e meu ao meu pai Miguel Eduardo Pinheiro Viana e aos meus irmãos Marcos Wellerson, Márcia Aparecida, Marcel Eduardo e Marina Ariane pela compreensão de minha ausência nesses quatro anos de nossas vidas. Pelo companheirismo e apoio total nas decisões tomadas durante este tempo.

AGRADECIMENTOS

Dedico em primeiro lugar a Deus que esteve ao meu lado para que esta vitória fosse concretizada foi pela misericórdia dele. Jamais deixaria de citar o meu enorme agradecimento aos meus pais Miguel Eduardo Pinheiro Viana e minha mãe Marinês Benites Clarindo Viana, que estiveram em todos os momentos ao meu lado, dando todo o apoio necessário e me auxiliando em compreensão, companheirismo e solidariedade.

Agradeço também aos meus irmãos Marcos, Márcia, Marcel e Marina, pela compreensão da minha ausência em muitos momentos especiais de nossas vidas, no auxílio e suporte que foram necessários no decorrer desses quatro anos.

E agora é tempo de vitória, tempo de colher os frutos, e imagino o contentamento de meus pais, pois me lembro que ainda menina o senhor fez o possível para suprir nossas necessidades. Recordo-me pai que foi muito difícil, mas o senhor teve uma mulher maravilhosa ao seu lado, minha mãe, ela sempre fez de tudo por nós enquanto o senhor esteve ausente.

A mãe sempre foi nosso porto seguro e hoje somos o que somos porque ela e o senhor sempre estiveram fazendo o possível para não desistir de nossos sonhos, então, meu muito obrigada por tudo o que me ensinaram e por cuidar de nós. Tudo o que conquisto hoje não é somente meu, é a nossa conquista, hoje vocês têm uma filha pedagoga.

Agradeço imensamente a minha orientadora Andréa Jara Peralta Freitas que esteve ao meu lado nos momentos de angústias e de dificuldades, que foi muito mais que minha orientadora e sim uma verdadeira companheira, que me auxiliou e fez o possível para que conseguisse alcançar meus objetivos.

Foram quatro anos de muitas dificuldades, meus sinceros agradecimentos aos professores que contribuíram com a minha formação. Agradeço também as minhas companheiras, que em todos os momentos estiveram comigo. Não posso deixar de citar os nomes destas: Jéssica Oleinik, Flaviane Pazeto e Rosieli Ussuna.

Meus mais sinceros agradecimentos a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho.

Saireis com alegria e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas (Isaias 55:12).

VIANA, M. A. C.FREITAS, A. J. P. **Dislexia, Identificar ou Diagnosticar Para a Inclusão Escolar Acontecer: um estudo de caso em Ponta Porã – MS.** 2019. Número de folha 55. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Faculdades Magsul – Ponta Porã – MS.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral apresentar as possibilidades de identificação da dislexia em crianças no processo de alfabetização e letramento, assim a escola tendo sustentação para orientar a família buscar outros profissionais para a confirmação ou não da dislexia. E nos aportamos nos objetivos específicos em pesquisar as normativas legais da educação e as ampara a dislexia, conhecer as características assintomáticas da dislexia, sugerir possibilidades que auxiliam o professor no processo de inclusão da criança com dislexia. A pesquisa tem como problemática se os professores alfabetizadores têm condições de perceber a possibilidade de uma criança ser disléxica, caso sim, como o professor e a escola procedem nas orientações aos responsáveis? Tendo como justificativa da necessidade de perceber precocemente a possibilidade da criança com dislexia, pois o quanto antes a intervenção, melhores os resultados na qualidade de vida desta criança, uma vez que somente são diagnosticados na alfabetização. Outra questão é pelo sofrimento que a pesquisadora teve em toda sua vida acadêmica, pois somente no final do Ensino Superior é diagnosticada como uma disléxica. A pesquisa teve como metodologia revisão literária e estudo de caso com uma escola, na qual está matriculada uma criança com características de dislexia confirmada a partir de uma avaliação psicopedagógica. Utilizamos como instrumentos de pesquisa a observação não participante, diário de campo e questionários aos sujeitos da pesquisa. Os resultados da pesquisa foi que a escola ainda não está preparada para a identificação da criança com possível dislexia e a fragilidade que a escola pode apresentar na abordagem aos responsáveis solicitando que busquem ajuda de outros profissionais com o objetivo de investigação e/ou avaliação para que finalmente sejam entendidas as razões por tamanhas dificuldades.

Palavras-chave: Inclusão. Alfabetização e Letramento. Transtorno de Aprendizagem. Dislexia.

VIANA, M. A. C. FREITAS, A. J. P. **Dislexia, Identificar o Diagnosticar para que Ocurra la Inclusión Escolar: un estudio de caso en Ponta Porã – MS.** 2019. ¿Número de hoja 5. Finalización del curso de Pedagogía. Faculdades Magsul – Ponta Porã – MS.

RESUMÉN

El documento de conclusión del curso tiene como objetivo presentar las posibilidades de identificar la dislexia en los niños en el proceso de alfabetización y alfabetización, por lo tanto, la escuela que tiene apoyo para guiar a la familia busca otros profesionales para confirmar o no la dislexia. Y nos enfocamos en los objetivos específicos en la Investigación de las normas legales de educación y su apoyo para la dislexia; Conocer las características asintomáticas de la dislexia; Sugerir posibilidades que ayuden al maestro en el proceso de inclusión de niños con dislexia. La investigación tiene el problema de que si los maestros de alfabetización pueden darse cuenta de la posibilidad de que un niño sea disléxico, de ser así, ¿cómo proceden el maestro y la escuela en la orientación a los responsables? Tener como justificación la necesidad de comprender temprano la posibilidad de niños con dislexia, porque cuanto antes la intervención, mejores resultados en la calidad de vida de este niño, otro problema es el sufrimiento que tuvo el investigador a lo largo de su vida académica, porque solo al final La educación superior se diagnostica como un disléxico. La investigación tuvo como metodología la revisión de la literatura y el estudio de caso con una escuela, en la que se inscribió a un niño con características de dislexia confirmadas por una evaluación psicopedagógica. Utilizamos como instrumentos de investigación la observación no participante, el diario de campo y los cuestionarios a los sujetos de investigación. Los resultados de la investigación fueron que la escuela aún no está preparada para la identificación del niño con posible dislexia y la fragilidad que la escuela puede presentar en el acercamiento a los padres pidiéndoles que busquen ayuda de otros profesionales para fines de investigación y / o evaluación para que Finalmente, se entienden las razones de tales dificultades.

Palabras-clave: Inclusión. Alfabetización y Letramento. Trastorno de aprendizaje. Dislexia

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<i>Lócus</i>	Do latim “local específico”
MS	Mato Grosso do Sul
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
SRM	Sala de Recursos Multifuncional
PL	Projeto de Lei
<i>Priori</i>	Do latim “de antes” ou “do anterior”
TA	Transtorno de Aprendizagem
TCC	Trabalho de Conclusão De curso
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro – 1	Características Assintomáticas da Dislexia.....	23
Quadro – 2	Sugestões Didáticas para a Prática do Professor.....	25
Quadro – 3	Identificação dos profissionais da Educação.....	29

IMAGENS

Imagem 1	Exemplo de um dos testes de prolexia.....	22
Imagem 2	Meios de Transporte como Flexibilização Curricular.....	32
Imagem 3	Sugestão para Animais Vertebrados.....	33
Imagem 4	Sugestão de Atividades Matemáticas.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Normativas Legais da Educação Inclusiva.....	14
2.2 Alfabetização e Letramento.....	18
2.3 Transtorno de Aprendizagem.....	19
2.4 Características Assintomáticas da Dislexia.....	21
2.5 Sugestões para Professores.....	24
3 METODOLOGIA	26
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6 REFERÊNCIAS.....	431
ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO	43
APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	47
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	49
APÊNDICE C - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) DIRETOR (A)	51
APENDICE D - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) COORDENADOR	52
APÊNDICE E - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) PROFESSOR (A)	54

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema foi elucidada por meio de leituras nas aulas de psicologia infantil, pesquisas sobre a leitura na escola e o filme Como estrela na terra ou conhecido também como Toda criança é especial, no qual chamou à atenção a abordagem que o filme trouxe referente a uma criança disléxica e as dificuldades por ele encontradas em sua alfabetização.

O filme para a pesquisadora trouxe da memória situações muito familiares, pois ainda sem entender bem ao certo, a criança do filme apresentava características também vividas ao longo de sua vida escolar. E na disciplina de Trabalho de Conclusão De curso (TCC) a professora que ministrava esta disciplina, por um acaso, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial, questionou por que a vontade de defender esse tema.

Foi explicado que sem diagnóstico nenhum, a acadêmica percebe que as características da dislexia eram familiares em sua infância e que demorou muito para que consolidasse a leitura. Logo, a professora em questão realizou testes de prolexia¹no qual os resultados foram compatíveis para uma dislexia.

A pesquisa tem como objetivo geral apresentar as possibilidades de identificação da dislexia em crianças no processo de alfabetização e letramento, assim a escola tendo sustentação para orientar a família buscar outros profissionais para a confirmação ou não da dislexia.

E nos aportamos nos objetivos específicos em pesquisar as normativas legais da educação e as que amparam a dislexia; Conhecer as características assintomáticas da dislexia para o auxílio da identificação; Sugerir possibilidades metodológicas que auxiliam o professor no processo de inclusão da criança com dislexia.

A pesquisa tem como problemática se os professores alfabetizadores têm condições de perceber a possibilidade de uma criança ser disléxica, caso sim, como professor e escola procedem nas orientações aos responsáveis?

O TCC tem como justificativa a necessidade de perceber o quanto antes os sintomas da dislexia na criança, pois muitos problemas inclusive de ordem

¹ Testes e escalas que investigam as possibilidades de dislexia.

emocional podem ser evitados. E entendemos que quem alfabetiza é quem tem a condição de perceber que algo não está correto e dar importância na realidade que ali está à tónica, pois possivelmente a criança está em estado de sofrimento por não conseguir aprender.

A metodologia da pesquisa está pautada em um estudo de caso e na revisão de literatura e para obter a resposta da problemática da pesquisa foram utilizados os instrumentos de observação não participante, diário de campo e questionários. O *locus* da pesquisa é uma escola de rede pública situada na periferia da cidade. Escola esta que tem uma criança com dislexia e está no processo de alfabetização e letramento.

Na revisão de literatura expõem-se as normativas legais e ativas na educação, tais como a Constituição Federal (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), A Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes de Base Nacional (1996), A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o Projeto de Lei (PL) de nº de 7.081 de 2010 e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015).

Aponta-se a partir da revisão de literatura o universo das práticas de Alfabetização e Letramento tendo base à autora Soares (2013). Também apresenta as características assintomáticas da dislexia, buscando a identificação da possibilidade ser a dislexia que está impedindo a criança ter sucesso na sua aprendizagem. Conceitos e sugestões de estratégias da inclusão da criança disléxica são abordados por autores de renome no assunto, tais como Snowling (2004), Cunha (2016) Moojen (2011) entre outros.

Os resultados desta pesquisa pontuam que a escola ainda apresenta fragilidades na identificação e no fazer da inclusão da criança. Evidenciando que não basta ter um laudo se nada muda no contexto da escolarização da criança.

Deste modo, convidamos a conhecer este universo de letras embaralhadas que costumam a dançar no quadro negro da escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico se baseia em uma revisão de literatura a fim de esclarecer enquanto políticas públicas o que assegura uma criança com dislexia na escola regular de ensino comum², ter embasamento de práticas de alfabetização e letramento, bem como conhecer as características assintomáticas da dislexia e apresentar sugestões de inclusão escolar para a criança com dislexia.

2.1 Normativas Legais da Educação e da Inclusão

De acordo com a Constituição Federal (CF) de 1988 a educação é um direito de todos, dever da família e do Estado, uma vez que é na escola em que ocorre o primeiro grande contato com as representações que uma sociedade está regida.

A escola, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.136).

Sendo direito garantido a toda pessoa no processo de escolarização. E ainda em seu Art. 208 garante que, “como dever do Estado à oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988, p. 136-137)”. Sendo assim, a critério da família matricular sua criança em ensino comum ou especializado.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA– Lei nº. 8.069/1990), Art. 55, afirma que "os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino(BRASIL, 1990, p.20)” deixando claro que não é permitido por lei crianças em idade escolar ficar fora do ensino, claro que salvas aquelas que por ordem maior sejam impedidas por não ter condições, normalmente saúde, de estar em uma escola.

²O significado do termo regular é encontrado na Lei de Diretrizes e Bases (1996, p. 22). Lembrar que o conceito de regular é polivalente e pode se prestar a ambiguidades. Regular está sob o estabelecido em uma ordem jurídica e conforme a mesma. Contudo, seu antônimo é irregular e pode ser compreendido como ilegal ou também como descontínuo. Optamos em o termo ensino comum, pois é um indicativo de respeito às demais instituições de ensino especializado. Mas, em termos jurídico-educacionais, regular tem como oposto o termo livre. Nesse caso, livres são os estabelecimentos que oferecem educação ou ensino fora da LDB.

Em uma conferência mundial é apresentada a Lei de Salamanca³ (1994) sendo um marco de base política para a Educação Especial futuramente, pois preconiza que:

O direito de cada criança a educação é proclamado na Declaração Universal de Direitos Humanos e foi fortemente reconfirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças. O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos marginalizados (SALAMANCA, 1994, p.03).

Contudo, vale destacar que ainda é preferencialmente em ensino regular e que os responsáveis que optam onde sua criança terá o acesso à escolarização, visto que cada criança tem sua especificidade e necessidades de condicionamento de saúde e bem-estar.

No Brasil lei base da educação é intitulada como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu Art. de nº 59, inciso I afirma “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículo, método, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender as suas necessidades (BRASIL, 1996, 19)”. Reafirmando que as unidades de ensino devem estar preparadas para atender as crianças com Necessidade Educacional Especial (NEE).

E em 07 de janeiro de 2008 foi apresentada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva reafirma os direitos e deveres dos agentes envolvidos no processo de inclusão escolar, pois esta lei apresenta seus

³Os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmou o compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino (SALAMANCA, 1994).

objetivos de assegurar o direito da inclusão e categorizar o público-alvo da educação especial.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de um aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior: oferta do atendimento educacional especializado (BRASIL, 2008 p.14).

Então, ao assegurar o direito da inclusão escolar em ensino comum de crianças com NEE, sinaliza também que a escola precisa estar preparada para a inclusão destes.

Assim, deixando ainda mais clara a necessidade de profissionais para o AEE e que é de responsabilidade da família e da comunidade para que a inclusão de fato aconteça.

Formação de professores para os atendimentos educacional especializados e demais profissionais da educação para inclusão; participação da família e da comunidade; comunicações e informações; e articulações intersetorial na implantação das políticas públicas (BRASIL, 2008 p.14).

No que tange as políticas públicas, existe todo um suporte de direitos e deveres para os âmbitos familiar, escolar e social para que assim a inclusão seja contemplada.

Vale ressaltar que crianças com alguma NEE apresentam dificuldades na aprendizagem, eis a razão que muitos diagnósticos são concluídos somente na idade escolar, pois é na escola que as fragilidades se apresentam. E a fim de minimizar as dificuldades de aprendizagem ainda é garantido que:

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional (BRASIL, 2008, p.16).

Atualmente caracterizada por Sala de Recursos Multifuncional (SRM), que tem por objetivo não desenvolver trabalhos de reforço escolar e sim desenvolver habilidades das quais estão em prejuízos e que conseqüentemente impeçam o sucesso escolar dessas crianças.

Corre no Senado o Projeto de Lei (PL) de n.º 7.081 de 2010 que solicita ao Poder Público “desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outros transtornos de aprendizagem (BRASIL, 2010, s.n.t.)”. A última atualização do processo que se tem acesso é que tramita em caráter conclusivo e já foi aprovada pela Comissão de Seguridade Social e Família, ainda será analisada pelas comissões de Finanças e Tributação e de Constituição e Justiça e de Cidadania, de acordo com o site da Câmara dos Deputados.

A PL ainda propõe que:

Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtornos de aprendizagem que apresentam alteração no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado a sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientações da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território (BRASIL, 2010, s.n.t).

Pois, entende-se que precocemente identificado e com intervenções a criança pode obter sucesso na sua aprendizagem. Uma vez que, acompanhado por um AEE as possibilidades de aprendizagem aumentam.

E por fim Lei de n.º 13.146, de 6 de julho de 2015, Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que soma nas afirmativas e nas orientações da legalidade das práticas inclusivas e que corrobora que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo da vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015 p.9).

Então, com o AEE ao longo da vida escolar da criança torna-se possível o desenvolvimento de habilidades que podem contribuir para uma qualidade de vida. Ressalta-se que não estamos afirmando que a partir desse AEE a criança terá cura ou algo assim, uma vez que a NEE de alguém não é uma doença e sim uma condição, sendo assim, não sendo doença, não existe cura.

Nesta perspectiva, a seguir compreenderemos o conceito de alfabetização e letramento e posteriormente compreender as características da dislexia.

2.2 Alfabetização e Letramento

Soares (2013, p. 24) conceitua a alfabetização em:

Chamamos de alfabetização o ensino aprendido de outra tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica (as letras ou grafemas) representam o significante do signo linguístico (e não seu significado, como no sistema de escrita ideográfico): representam de modo geral, nesse caso, os sons da língua. Isso vai fazer a diferença no aprendizado e no ensino dessa tecnologia de escrita.

Então, a alfabetização é o reconhecimento e/ou decodificação dos símbolos que se caracterizam em letra. Que mais tarde, quando consolidado a decodificação dos símbolos a criança passa a realizar a leitura dos símbolos e conseqüentemente a leituras de letras, palavras, frases e textos.

Já o processo de letramento é caracterizado na interpretação dos símbolos reconhecidos anteriormente, ou seja, ler e interpretar. Ainda ressaltamos que letrar é ter leitura do mundo, sem necessariamente, ler as palavras, exemplo disso, é uma criança que ainda não realiza leitura olhar para o rótulo de um refrigerante e dizer o nome, ou então olhar para uma placa de trânsito e dizer que é proibido estacionar. Soares (2009, p. 65) define que:

[...] as dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Sendo assim, o letramento pode ser oferecido para qualquer criança de qualquer idade, diferente da alfabetização que possui critérios de ordem de pré-requisitos para a aquisição da escrita.

De acordo com a autora não se considera alfabetizada a criança que apenas codifica as letras e símbolos visuais e sonoros, pois quando isso acontece essa criança realiza a leitura, mas não necessariamente compreende o que acabou de ler e vez ou outra não faz a junção das sílabas para formar as palavras.

Ainda é citado pela autora que, o letramento escolar que se refere às habilidades de leitura e de escrita desenvolvidas na escola e para a escola e o letramento social refere-se às habilidades demandadas pelas práticas sociais.

[...] na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação (SOARES, 2004, p. 106).

Ou seja, o letramento está muito além de ler palavras e realizar as interpretações, são circunstâncias da vida. E diante aos conceitos de Alfabetização e Letramento as circunstâncias da vida escolar de uma criança com transtorno de aprendizagem torna-se um processo, na maioria das vezes, doloroso. Deste modo, a seguir a pesquisa traz a definição de transtorno de aprendizagem e a dislexia.

2.3 Transtorno de Aprendizagem

Ultimamente um assunto bastante discutido em congressos e formações docentes, pois transtornos de aprendizagem é uma situação bastante complexa de trabalhar em sala de aula. Requer uma atenção maior do professor para este aluno, uma vez que já é bastante difícil, pois normalmente a sala de aula tem em torno de 35 alunos ou mais.

Sem contar que os discursos são os mesmos, “não recebi formação para isso”, ou seja, um despreparo para o atuar docente na perspectiva de transtornos de aprendizagem.

Que os TA representam 5% de toda a população de escolas públicas e particulares, não só de países como o nosso, mas também naqueles de melhor desenvolvimento. Portanto, aqui já temos um fator conceitual, o fator socioeconômico não impede o indivíduo de ter TA. O TA não é uma disfunção simples e comum, mas pode incluir dificuldades em várias áreas relacionado as à leitura, escrita e matemática, bem como nas habilidades sociais, distúrbios emocionais e comportamentais (CIASCA *et al.* , 2015, p. 209).

Portanto, qualquer criança é propensa em desenvolver transtornos de aprendizagem. É fato que o aumento de matrículas de crianças com transtornos de aprendizagem vem aumentando, assim, exigindo do professor um aprofundamento em estudos e pesquisas a fim de buscar melhorias em suas práticas pedagógicas.

Vale ressaltar que segundo Mantoan (2003) não existe uma “receita pronta” para trabalhar com o público-alvo da inclusão, e sim a necessidade de aprender no dia-a-dia partindo de suas limitações e habilidades. Cunha (2016), ainda ressalta que é de suma importância que o professor atue para que sejam superadas as dificuldades que impedem a aquisição das habilidades do aluno, assim promovendo a inclusão do mesmo, o autor ainda enfatiza que se faz importante estimular três aspectos no processo de ensino e aprendizagem que são a afetividade, socialização e ludicidade e a linguagem e comunicação.

Algumas pesquisas esclarecem que a afetividade é um primeiro passo para aprendizagem, deste modo torna-se interessante o professor procurar caminhos para chegar ao aluno a partir do afeto, uma vez que, em sua maioria, esta criança com transtornos de aprendizagem já apresenta um nível bastante acentuado em baixa estima.

Quando amamos o que fazemos, nosso cérebro libera um neurotransmissor, a dopamina, que produz a sensação de prazer. Muitos buscam esse efeito artificialmente por meio de fármacos, mas sabemos que podemos produzi-lo, naturalmente, em nosso organismo, mediante ações de amorosidade pelas pessoas e nas atividades que realizamos (CUNHA, 2016, p. 35).

É neste momento que o professor encontra possibilidades de devolver a criança a vontade de aprender, partindo da afetividade, vínculo e confiança que precisa existir entre professor e aluno.

No que tange a socialização e a ludicidade, são elementos fundamentais para a socialização, pois “Quanto mais o contato social é complexo e rico, mais a criança

desenvolve áreas da sua aprendizagem, principalmente a área da linguagem (CUNHA, 2016, p. 35)”. Bem como a ludicidade como uma prática rotineira, visto que a criança aprende brincando.

Sendo assim, aquelas crianças tímidas ou aquelas que não interagem com as outras, ainda apresentam algumas dificuldades e caso algumas delas tenham o transtorno de aprendizagem, a tendência é sempre se isolar, pois a alta estima é quase inexistente, sempre é bom trazer para perto esta criança e trabalhar esses bloqueios apresentados.

Nesta perspectiva, a linguagem e a comunicação acontecem a partir da aprendizagem do aluno, uma vez que aconteça essa aprendizagem, segundo Cunha (2016) o professor precisa aprender a se comunicar, pois o professor não é meramente um transmissor de conhecimento. São necessárias comunicação recíprocas, assim despertando o interesse dos alunos para o objetivo do professor.

Quando dizemos que, antes de ensinar, aprendemos com nossos alunos, confirmamos um fato natural da vida acadêmica. A verdadeira docência não se distânciada da realidade discente. Para estimular a comunicação ou a fala do aprendente, precisamos compreender qual o sentido que ele dá a nossa fala. Precisamos descobrir como penetrar em seu mundo imagético e simbólico. A partir daí, poderemos criar exercícios, atividades, provocar situações estimulantes para a socialização por meio da linguagem (CUNHA, 2016, p. 38).

Deste modo, a escola deve ser um espaço de troca e não de exclusão. Ações pedagógicas podem promover a inclusão de maneira simples, o primeiro passo é a socialização desta criança, pois partindo da socialização, aos poucos vai acontecendo a linguagem.

E no que se refere às características de alguns transtornos de aprendizagem, é bastante vasto, por isso a pesquisa aborda apenas dislexia, pois é o objeto de estudo.

2.4 Características Assintomáticas da Dislexia

Como já citado, ler e escrever são habilidades, na qual somente uma criança alfabetizada realiza, mas uma criança com dislexia apresenta prejuízos e/ou atrasos nesse processo de aquisição da leitura e da escrita.

A dislexia é uma das diversas incapacidades distintas na aprendizagem. É um distúrbio específico baseado na linguagem, de origem constitucional caracterizado por dificuldade na decodificação de palavras isoladas que geralmente refletem habilidades insuficientes de processamento fonológicos (SNOWLING, 2004, p.25).

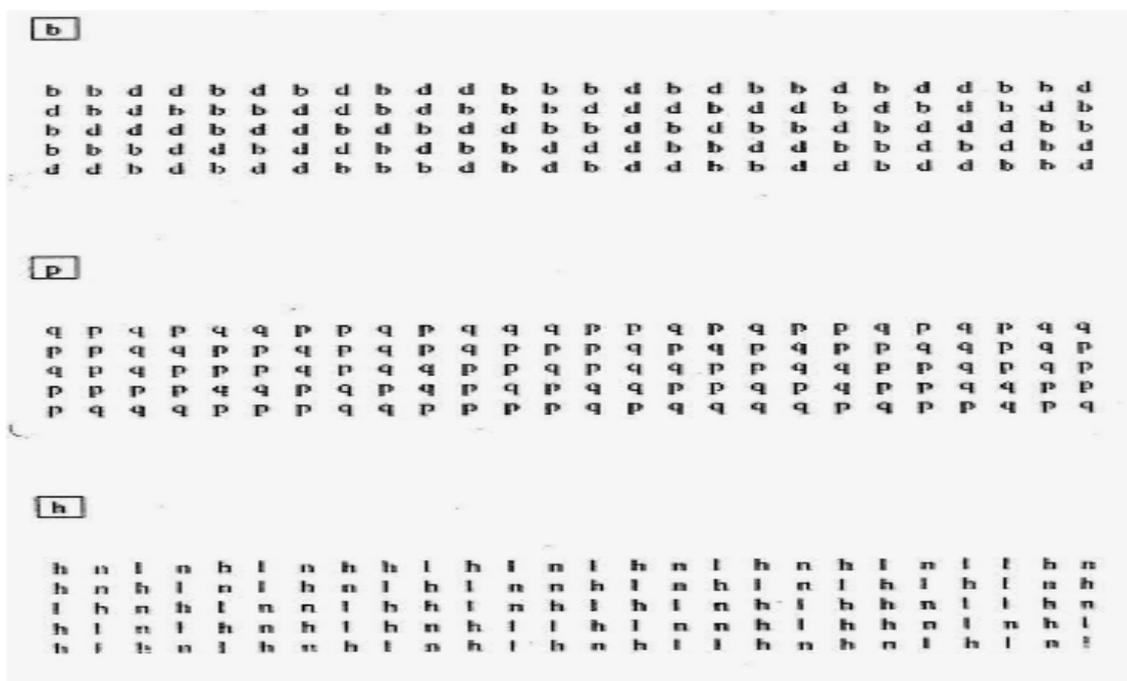
Então, não parece ser tão difícil de desconfiar sobre uma possível dislexia em uma criança que não consegue desenvolver a leitura e escrita.

Dislexia é um transtorno que já foi confundido com déficit de atenção, problemas psicológicos, ou mesmo desinteresse. Seu diagnóstico é realizado a partir de exclusão de outras possibilidades, tais como, problemas emocionais; auditivos e visuais. Afeta a dificuldade em leitura e escrita, pois:

[...] dificuldades do indivíduo em decodificar símbolos, ler, escrever, soletrar, compreender m texto, reconhecer fonemas, exercer tarefas relacionadas à coordenação motora, e pelo hábito de trocar, inverter, omitir ou acrescentar letras ou palavras ao escrever (CUNHA, 2016, p. 110).

Vale ressaltar, que também é bastante comum a criança repetir palavras ou sílabas, por exemplo, “eu jogo bola **bola** ou então, bolo de chocococolate”. Também apresentando confusões permanentes em letras **q/p/d/b/n/h**.

Imagem 1 – Exemplo de um dos testes de prolexia



Fonte: teste cedido pela psicopedagoga da Rede Municipal de Ensino⁴.

Normalmente a criança terá muita dificuldade em diferenciar essas letras, uma vez que, uma das mais comuns das características é a letra espelhada.

O que está sendo apresentado aqui é as características da dislexia a fim de auxiliar o professor na identificação e não do diagnóstico, pois o professor não é o responsável em diagnosticar, mas sim membro da equipe multidisciplinar que auxilia no diagnóstico e na confirmação deste. Vale ressaltar que normalmente psiquiatras e neurologistas, ambos infantil solicitam relatórios da escola.

Quadro 1 – Características Assintomáticas da Dislexia

Primeiros anos	Atraso na linguagem, comparando com as outras áreas de desenvolvimento.	
Pré escolares	Dificuldade em aprender canções, rimas e lenga-lengas; Falha na apreciação de rimas; Dificuldade em pronunciar as palavras, persistência da fala à bebê; Dificuldade em aprender e lembrar nomes das letras; Não saber bem as letras do seu próprio nome; Dificuldade em lembrar nomes pró-prios.	
Pré primário e primeiro ano	Falha em perceber que as palavras se podem separar; Falha em perceber que as palavras se podem segmentar em sons; Dificuldade em ligar as letras a sons (por ex. a letra b ao som b); Erros de leitura que revelam não ter ligação aos sons das letras; Dificuldade ou incapacidade de ler palavras comuns de uma sílaba; Queixas de que ler é muito difícil, foge quando é altura de ler; História de problemas de leitura em familiares.	Áreas fortes: Curiosidade; Muita imaginação; Apanha as coisas facilmente; Adere facilmente a novas propostas; Boa compreensão de novos conceitos; Maturidade; Vocabulário extenso para grupo etário; Gosto por resolver puzzles; Facilidade em construir modelos; Boa compreensão de histórias lidas.
A partir do 2º ano	Problemas na fala Má pronúncia de palavras longas e pouco familiares (omitir partes ou confundir a ordem); Fala pouco fluente, com pausas e hesitações, com “hums.” enquanto fala; Uso de	Problemas na leitura Progresso muito lento; Falta de estratégia para aprender novas palavras; Dificuldade em ler palavras descodidas, adivinha a palavra, falha em soletrar de

⁴ Em regime de colaboração a psicopedagoga cedeu o teste. Contudo, enfatizamos que este personagem não faz parte do quadro dos sujeitos da pesquisa.

	<p>linguagem imprecisa, referências vagas a “coisas” em vez o nome do objecto; Não conseguir encontrar o nome exacto do objeto e confundir com palavras que têm um som parecido; Precisa de tempo para dar uma resposta, não é de resposta rápida; Dificuldade em lembrar informações e factos (por exemplo nº de telefone, nomes, datas);</p> <p>Áreas fortes:</p> <p>Excelentes capacidades cognitivas, conceptualização raciocínio, imaginação, abstracção; Aprendizagem é atingida mais pela compreensão do que pela memorização; Capacidade para apanhar as ideias principais; Boa capacidade de compreensão do material que lhe é lido; Habilidade para ler coisas dentro de uma área de interesses, em que fez uma sobreaprendizagem dos termos; Excelente compreensão de vocabulário pode ter um vocabulário sofisticado; Muito bom em áreas que não dependam da leitura como matemática, computadores, artes visuais, ou em áreas mais conceptuais como filosofia, biologia, estudos sociais ou escrita criativa.</p>	<p>forma sistemática; Dificuldade em ler as palavras pequenas de ligação (por, de) Atrapalha-se a ler palavras multisilábicas; Omite partes de palavras ao ler, como se a palavra tivesse um buraco no meio; Medo de ler em voz alta; evita ler em voz alta; Substituições, omissões, má pronúncia; A leitura é entrecortada e esforçada, não é fluente ou suave; Tem falta de entoação; Apoia-se no contexto para decodificar as palavras; Lê melhor as palavras em contexto do que isoladas; Rendimento muito mau em testes de escolha múltipla; Não consegue acabar os testes dentro do tempo; Substituição de palavras por outras com o mesmo significado (carro, automóvel) Péssima ortografia;</p> <p>Dificuldade em ler os problemas de matemática; Leitura muito lenta e cansativa; Os trabalhos de casa nunca mais acabam, pede ajuda aos pais para lhe lerem; Má caligrafia; Muita dificuldade em aprender língua estrangeiras; Evita a leitura lúdica; A precisão de leitura vai melhorando, mas continua a faltar fluência; Baixa autoestima, com um sofrimento que nem sempre é visível para os outros.</p>
--	---	--

Fonte: Sally Shaywitz Overcoming Dyslexia. Tradução Luisa Mota⁵

Então, são esses os sinais que a criança irá apresentar no processo de alfabetização e letramento.

Segue sugestões aos professores como flexibilizar os conteúdos para este público.

2.5 Sugestões para os Professores

⁵ Material fornecido em regime de pesquisa colaborativa pela psicopedagoga da Secretária de Educação do Município.

De acordo com Cunha (2011), é necessário que o professor tenha uma metodologia flexibilizada, que possa atender aos alunos com dislexia. O autor ainda sinaliza a necessidade de desenvolvimentos de algumas habilidades que são fundamentais, ou seja, são base e/ou pré-requisitos para o processo de alfabetização e letramento. Habilidades estas, que normalmente, a criança disléxica apresenta prejuízos, uma vez que a “concentração, capacidade de focar a atenção, calma, paciência, perseverança, domínio motor, fluência linguística, dentre outros predadores, são qualidades desenvolvidas nos exercícios pedagógicos da escola (CUNHA, 2011, p.57)”. São exercícios pedagógicos! Então, nada melhor e coeso que ser realizado na escola.

Quadro 2 - Sugestões Didáticas para a Prática do Professor

Utilizar linguagem objetiva.	Trabalhar com livros.
Falar com o aluno mantendo contato visual.	Trabalhar com contação de histórias.
Evitar o excesso de conteúdo.	Incentivar sempre o aluno.
Propor tarefas pequenas, mesmo que sejam diversas.	Como nos demais transtornos trabalhar em equipe multidisciplinar.
Privilegiar as habilidades.	Adaptar currículo, provas e avaliações.
Utilizar materiais sensoriais.	Privilegiar os vínculos afetivos.

Fonte: Cunha (2016, p. 112).

Parece ser uma missão muito fácil, e talvez não seja tão difícil realizar um plano de aula elencando algumas dessas sugestões. A inclusão não é realizar dois planos de aula, um para a sala e outro para a criança. E sim o mesmo planejamento,

porém com metodologias diferentes, metodologias que garantam o acesso aos conteúdos de modo que haja qualidade de ensino também para a criança disléxica.

Nesta perspectiva, é fato que normalmente a dislexia não vem só, pois normalmente tem os casos com comorbidade. Estamos evidenciando a disgrafia, discalculia e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade entre outros transtornos e/ou deficiências. Deste modo, mesmo compreendendo que existem casos de comorbidades, no momento não aprofundaremos no assunto, mas deixamos claro a necessidade de compreender os casos mórbidos.

Na verdade, não existe uma “receita pronta” de uma didática exata para a criança com dislexia. O que se tem são, sugestões de atividades que possam auxiliar os professores e otimizar a aprendizagem deste.

O que de antemão pode ser afirmado é que são apenas crianças num emaranhado de letras que “dançam na lousa” e que além de toda essa dificuldade dentro da sala, ainda precisam enfrentar a cobrança impiedosa que precisam ler e escrever. Cobranças essas que não são apenas na escola e sim em casa e tantos outros lugares que exigem a leitura deste.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa aconteceu na Cidade de Ponta Porã que está localizada na região sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, de acordo com os últimos dados do IBGE de 2018 a cidade comporta cerca de 91.082 habitantes. Tendo como *locus* de pesquisa a Escola Municipal Novo Saber⁶. Uma escola de periferia e que atende 62 alunos na Educação Infantil, 342 no Ensino Fundamental Anos Iniciais e 18 alunos na Educação Especial, dos quais são alunos da escola e são atendidos na Sala de Recursos Multifuncional (SRM) no contra turno.

A investigação aconteceu em 1 (uma) sala de 3º ano, sala esta que tem o quantitativo de 26 alunos matriculados. Nesta sala, o sujeito da pesquisa é um menino, Fernando⁷ que já é aluno da escola desde a educação infantil. No 1º ano a escola sinalizou que a criança estava com dificuldade, no 2º ano a escola solicitou à

⁶ Foram adotados nomes fictícios, tanto para as escolas quanto para os sujeitos, para manter anonimato, respeitando assim os princípios éticos de uma pesquisa científica e o que prevê o Termo de Livre Esclarecimento e Autorização Institucional para fazer a pesquisa.

⁷ Nome fictício

família que buscassem outros profissionais, pois a criança não conseguia aprender e a escola não tinha mais opção para tentar ajudar.

Somente no 3º ano a família percebe que a criança realmente precisava de ajuda, assim a criança e seus responsáveis foram encaminhados para a psicopedagoga da Rede Municipal de Educação, Esportes, Cultura e Lazer a fim de uma avaliação investigativa acerca das dificuldades.

De acordo com a psicopedagoga a criança apresenta características de Transtorno Déficit de Atenção e dislexia. E nesta escola iniciamos nossa pesquisa.

Então, a nossa pesquisa seguiu passos e condutas de acordo com uma metodologia científica, pois uma pesquisa:

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento (LUDKE; ANDRÉ, 1986 p.11).

Pesquisa esta que, num primeiro contato com a escola foi solicitado, aceito e assinado Termo de Autorização Institucional pela direção da escola e o Livre Esclarecimento pela direção, coordenação e professores.

O presente TCC tem a abordagem qualitativa:

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regras através do trabalho intenso de campo. Por exemplo, se a questão que está sendo estudada é a indisciplina escolar, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que se manifeste o que vai exigir um contato direto e constante com o dia a dia escolar (LUDKE; ANDRÉ, 1986 p.11).

Para que tenhamos dados para serem analisados, as pesquisadoras entendem que a qualitativa seria a melhor opção. E este contato foi realizado a partir da observação não participante que segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 195) “na observação não participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”. Optamos pela não participante pela razão de não deixar nenhum dos sujeitos desconfortáveis.

A direção, a coordenação, os professores e o Fernando estão ligados ao estudo de caso, não sendo possível distanciar um do outro.

O estudo de caso busca retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes (LUDKE; ANDRÉ, 1986 p.19).

A inter-relação dos componentes está diretamente ligada ao sujeito com dislexia, e como realizar a identificação o mais precoce, e quem sinaliza esta possibilidade para que seja avaliada tal possibilidade.

Ainda na observação não participante, no estudo de caso, fizemos uso do diário de campo, que são anotações dos dias de observação, que totalizaram 25 horas de aula de observação.

Para que se instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “o como” observar (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.25).

As anotações desta observação estão em anexo nesta pesquisa. Além desta metodologia que fora adotada para a realização da pesquisa, para que obtivéssemos respostas para a problemática deste TCC foi utilizado o questionário semiestruturado com opções de perguntas abertas e fechadas.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma serie ordenada de perguntas, que devem ser respondas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve- o do mesmo modo (LAKATOS, 2009, p.203).

Questionários estes que estão em anexo. Posterior à coleta de todos os dados, iniciamos as análises e tratamento de dados, enfatizando que todos os questionários foram respondidos. Como já citado, todos os sujeitos da pesquisa receberam codinomes e/ou nomes fictícios.

Contudo, no quadro abaixo achamos importante identificar os sujeitos que responderam os questionários. Enfatizamos também que foi realizada a observação da criança em todas as aulas que nos foram permitidas, pois os dois professores das disciplinas de Arte e Espanhol, não permitiram a nossa observação e não aceitaram responder os questionários.

Entre um local e outro da escola, ainda que de modo empírico, tivemos relatos do comportamento com estagiários que sabiam do caso de Fernando.

Segue o quadro de identificação.

Quadro 3 - Identificação dos profissionais da Educação

Profissional	Idade	Formação	Pós-graduação
D (Diretora)	45 anos	Normal superior UEMS (2004)	Especialista em Magistério (CEFAM)
C (Coordenador)	43 anos	Pedagogia, Supervisão nas Faculdades Magsul(2004)	Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional
P1 Professora de referência	33 anos	Pedagogia (Licenciatura Plena) nas Faculdades Magsul (2004)	Especialista em Educação Especial
P2 Professora de ciências	26 anos	Pedagogia (Licenciatura Plena) nas Faculdades Magsul (2014)	Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional
P3 Professor de Educação Física	25 anos	Educação Física nas Faculdades Magsul (2017)	_____

Fonte: Da pesquisadora

Apresentamos os resultados das pesquisas que foram direcionadas o quanto necessário à identificação precoce da dislexia e principalmente quem é o responsável na identificação, ou seja, da suspeita, que a criança precisa ser assistida por profissionais a fim de investigar o que ocorre.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Fernando, segundo parecer psicopedagógico apresenta características de transtorno de aprendizagem à dislexia. Não tivemos muitas informações a respeito de como a criança estava anteriormente ao parecer. O que de concreto temos que, as informações de que a criança não consegue aprender de hipótese nenhuma e que a mãe já teria conhecimento dessa dificuldade de aprendizagem no 1º ano.

Mas, somente em 2019, já no 3º ano a criança passa por avaliações que é apresentado a dislexia como causa de seu atraso pedagógico. Nas observações, a Professora 1 fez uma avaliação diagnóstica, o que não é de costume esta avaliação ser realizada no final do ano letivo, e nesta avaliação constou que Fernando tem dificuldade em ler, interpretar e escrever de acordo com a ortografia correta, troca palavras com sons parecidos, tem dificuldade em escrever trissílabas e polissílabas de maneira autônoma e consolidada.

Durante as observações nos questionários e nas conversas informais, três dos professores disseram que já conheciam o transtorno, mas a Professora 2 relatou que teve dificuldades em lecionar de maneira inclusiva com a criança disléxica.

Contudo, foi relatado que são feitas orientações pedagógicas quinzenalmente, junto à coordenação. E que a escola realizou um estudo que abordava a dislexia e outras necessidades da escola.

Segundo a Diretora, as flexibilizações e intervenções referente ao aluno, ocorre, pois, a criança tem um profissional de apoio para auxiliar em suas dificuldades em sala de aula e no seu contra turno participa da Sala de Recursos Multifuncional e ainda com auxílio em orientações de outros profissionais.

O referente aluno, desde o início do ano letivo está sendo acompanhado profissional de apoio, devido as suas dificuldades de aprendizagem o mesmo tem intervenção juntamente com a professora da SRM. Os professores sempre buscam metodologias diferenciadas para trabalhar com o aluno, mas a maior dificuldade é a não aceitação da família (QUESTIONÁRIO, D, 2019).

Refletindo na resposta da Diretora, como será que Fernando tem professor de apoio se mediante ao laudo a secretaria de educação solicitaria a contratação para este profissional? Outro ponto que nos chama atenção é a não aceitação da família, o que mais os pais fariam pelo filho senão o levar para as avaliações, SRM, e para a

escola. Se somos nós, professores, que temos (ou deveríamos ter) o conhecimento acerca da dislexia. Também não ficou claro como é feito a orientação de outro profissional.

Ao questionarmos os professores, as respostas foram diferentes, sem ordem lógica de como procede de fato. A Professora 2 relata que recebe orientação “no momento em que realizo o planejamento e a coordenação vista (QUESTIONÁRIO, 2019)”. Já a Professora 3, afirmou que “já foi proporcionada com profissionais de fora esta orientação de como proceder (QUESTIONÁRIO, 2019)” Analisando as respostas, a coordenação orienta quando vista os cadernos, ou seja, quando os planos já estão prontos.

Em relação ao profissional que é de fora da escola, trata-se da psicopedagoga da Secretaria de Educação, esta profissional atende 8 CEINF's, 4 escolas rurais e 17 escolas de Anos iniciais e Finais. Como será que apenas 1 profissional atende todas essas escolas⁸?

- Sim, o aluno demonstra ser produtivo durante as aulas realizando todas as atividades, contudo sempre é direcionado a atividades psicomotoras, no intuito de auxiliar o desenvolvimento pedagógico (QUESTIONÁRIO, Professora 1, 2019).
- Sim, mas algumas vezes surgem dúvidas a respeito do transtorno de aprendizagem dislexia (QUESTIONÁRIO, Professora 2, 2019).
- Sim, promovendo a organização de novos métodos e com auxílio direto do professor regente (QUESTIONÁRIO, Professora 3, 2019).

Foi realizada uma avaliação diagnóstica com as crianças daquela sala, no qual evidenciou atraso pedagógico referente a Fernando. Então, por que não está dando resultados positivos na alfabetização?

Ao solicitar exemplos das flexibilizações curriculares os professores responderam que:

- De modo geral, o trabalho com os trabalhos com o aluno Fernando que apresenta algumas especificidades, é realizado por meio de registros, como por exemplo: os desenhos, recortes e até mesmo escrita de palavras para auxiliar no processo de alfabetização que ainda está em consolidação, como acontece no caso de Fernando (QUESTIONÁRIO, Professora 2 2019).
- Uma maneira de flexibilizar a aula é trabalhar juntamente com o professor e apoio de Fernando, levar atividades diferenciadas e

⁸ Total de Escolas na Rede Municipal disponível em <<https://pontapora.ms.gov.br/v2/secretaria-municipal-de-educacao/>> acesso em 01 dez. 2019

específicas para trabalhar de acordo com as dificuldades o aluno (QUESTIONÁRIO, Professora 3, 2019).

Nas aulas da Professora 1 principalmente em conteúdos de textos, interpretações e resolução de problemas matemáticos não foi observado nenhum material concreto, algo que levasse a criança buscar por respostas. O que está bastante presente e o que nos parece ser a adaptação que os professores sabem fazer é a redução de atividades, fichas impressas e os textos passados na lousa impressos no caderno.

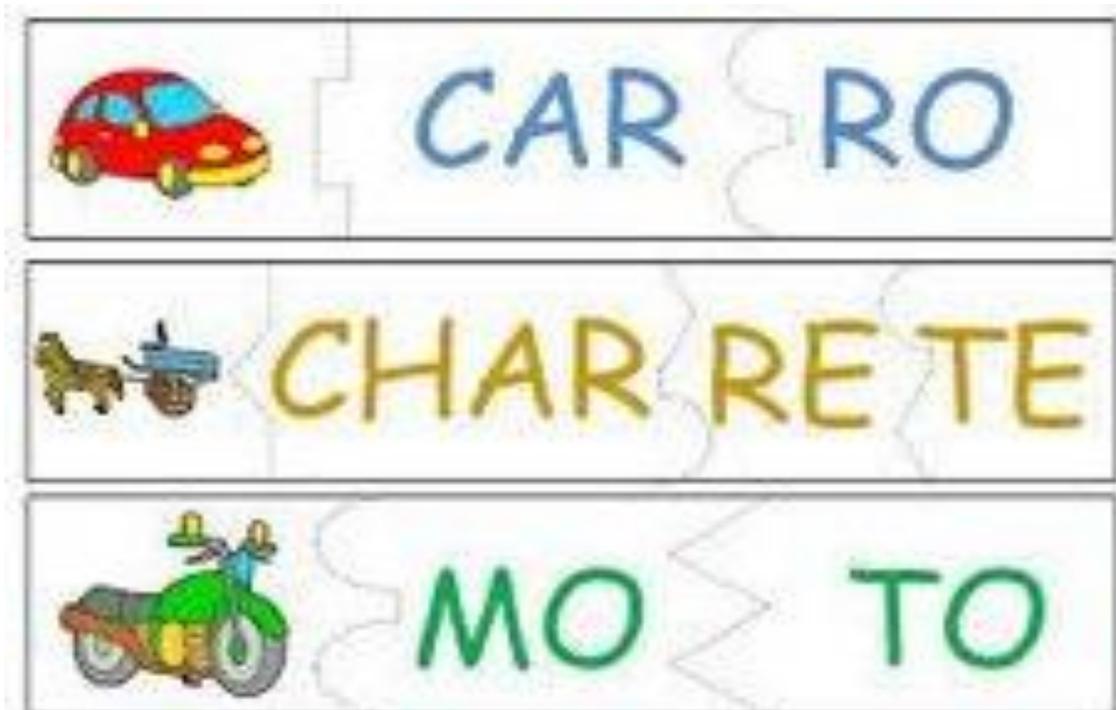
A educação especial e/ou inclusiva prevê o máximo de autonomia para a criança, entendemos que nada adianta encher o caderno da criança com os textos impressos se a criança ainda não realiza a leitura. A Professora 1 juntamente com o auxiliar que acompanha a criança não tentam da maneira que pode e que consegue.

Porém, é válido ressaltar que a Professora 2 desde o início pontuou não se sentir preparada para incluir nos conteúdos, o que torna muito contraditório o que foi exposto nos questionários respondido pela Direção e Coordenação, até porque ficou evidente de fato sua fragilidade em realizar as adaptações.

Em uma das observações na aula de ciências, foi passado um texto extenso para os alunos e para Fernando uma cópia impressa. Contudo as cópias impressas que servirá somente se Fernando tem alguém em casa que consiga estudar com ele para as provas.

Um exemplo que poderia ser trabalhado com algo concreto para que houvesse a avaliação contínua, se a criança aprendeu como o exemplo da figura abaixo, são várias as possibilidades de aprendizagem, exemplo, sílaba tônica, separação silábica e a própria memorização das palavras e conseqüentemente a leitura.

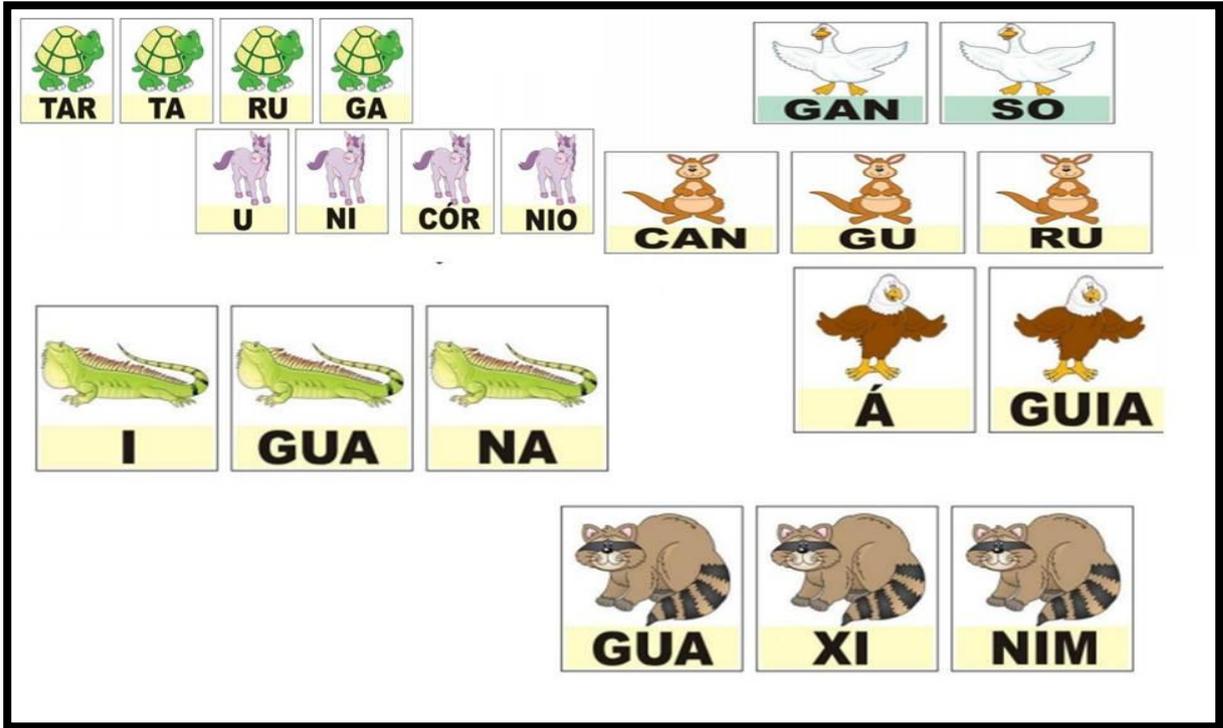
Imagem 2 – Meios de Transporte como Flexibilização Curricular



Fonte: Pinteres. Disponível em <<https://br.pinterest.com/esteralveslopes/a-dislexia-jogos/>> acesso em 01 dez. 2019.

As aulas foram sobre meios de transportes e animais vertebrados e invertebrados. A mesma psicopedagoga que nos cedeu estes materiais é a mesma que segundo a escola recebe apoio em orientações. Salientamos que não está em nossos objetivos buscar a psicopedagoga como sujeito de pesquisa, uma vez que existe todo um sigilo das crianças que são atendidas, mas em relação a conteúdos e sugestões prontamente fomos recebidos e alguns materiais foram cedidos para sugestões de intervenção com uma criança disléxica.

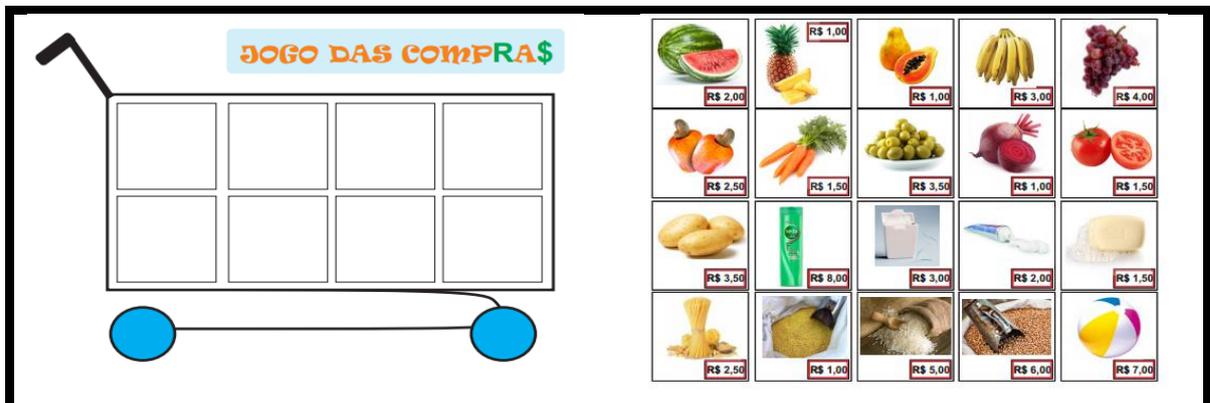
Imagem 3 –Sugestão para Animais Vertebrados

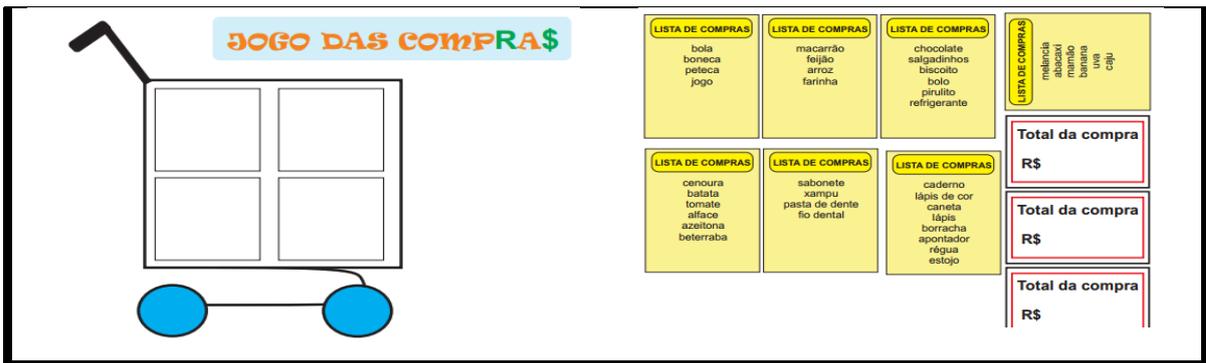


Fonte: Cedida pela pesquisadora.

Outra questão desafiadora para os professores é a matemática, pois já por natureza não é fácil ensinar, mais ainda é flexibilizar. Tendo conhecimento nisso conseguimos exemplos de como pode ser trabalhado, uma sugestão está abaixo na imagem. Contudo, enfatizamos também que na matemática o material dourado, palitos de picolé são peças chaves para o auxílio da criança.

Imagem 4 – Sugestão de Atividades Matemáticas.





Fonte: Cedida pela psicopedagoga

Atividades que podem ser disponibilizadas para todos, pois a inclusão deve acontecer sem excluir os demais. Segue as respostas dos sujeitos da pesquisa ao pontuar questões relacionadas à flexibilização curricular, o atendimento e os anseios.

Foi possível observar também que a escola compreende as dificuldades enfrentadas pelos professores, mas que mesmo com essas dificuldades consegue atender o aluno Fernando de maneira inclusiva.

- Não existe dificuldade, pois o processo de inclusão acontece de modo tranquilo, uma vez que a escola não tem resistência em incluir (QUESTIONÁRIO, Coordenação, 2019).
- A inclusão é tida de maneira tranquila, pois a aceitação e o fazer inclusão não estão sendo um problema (QUESTIONÁRIO, Direção, 2019).

A Professora 1 tem a consciência assertiva em relação ao acompanhamento e avaliação do desenvolvimento, pois sua forma de fazer estes acompanhamentos é uma avaliação emancipadora, do qual avalia a criança comparando assim mesmo. Não sendo nem classificatória, nem tradicional que teria as características de avaliar Fernando de acordo com todos da sala de aula e de maneira igual.

- Diagnosticar na Avaliação Inicial em cima dos conteúdos (diagnóstico inicial) monitoramento de rendimento nos anos anteriores, encaminhamento para o profissional adequado e junção dos meios escolares, família e professores (QUESTIONÁRIO, Professora 1, 2019).
- Ao propor a adaptação curricular, propõe se atividades ao aluno, onde cabe ao professor explicar, realizar com o aluno, não somente de uma maneira visual, mas estar presente no momento em que ele estiver resolvendo as atividades, levar atividades visuais que poderão também ser trabalhadas de maneira verbal (QUESTIONÁRIO, Professora 1, 2019).

Os professores P1, P2, e P3 obtiveram divergências em suas restas, a pergunta estava relacionada ao que tange o preparo da escola para atender e incluir o aluno Fernando, no que se trata de currículo, avaliação e pessoal atuante da escola (pedagógico).

-Não, deveria ter um profissional de atendimento especializado no caso do aluno, a escola somente oferece metodologia diferenciada na Sala de Recursos Múltiplos (QUESTIONÁRIO, P1, 2019).

-A atividade para o aluno acontece de forma diferenciada na disciplina de ciências, é solicitado na maioria das vezes o registro dos conteúdos por meio de ilustrações (QUESTIONÁRIO, P2, 2019).

- Estamos em processo de evolução, pois cada aluno requer um método diferenciado, que em alguns casos são falhos, e quando isso ocorre necessitamos reiniciar um novo método (QUESTIONÁRIO, P3, 2019).

Ainda que timidamente, com receios, com divergências, com tentativas frustradas ou não, nos pareceu que a escola está tentando, contudo, a prática é mais complexa que se imagina. Por meio de um plano de ação a partir de um estudo de casa de cada criança e orientações dadas por profissionais de fora em cada caso às chances de sucesso poderia ser maiores.

Entendemos também ainda, que existe sim resistência dos professores em relação a inclusão, pois vale enfatizar que os professores de Arte e Espanhol recusou nossa observação, podemos analisar que eles se sentiram inseguros com nossa presença.

Outra questão levantada, foi o que mudou durante as aulas, após o aluno Fernando ser diagnosticado com o parecer de transtorno de aprendizagem dislexia, os professores desenvolvem ou não atividades diferenciadas em suas aulas? Como está sendo trabalhado com o aluno?

- Mudou no sentido em que caiu a hipótese de “aluno preguiçoso” e passou a compreender que o aluno e as suas dificuldades encontradas em sala de aula (QUESTIONÁRIO, P1, 2019).

- A forma de aplicar as atividades quanto ao aluno, pois passou se a compreender suas dificuldades, então houve uma necessidade de avaliar de outra maneira o desenvolvimento do mesmo (QUESTIONÁRIO, P2, 2019).

- A mediação com o aluno é um processo contínuo e árduo, pois sua evolução durante a construção em alguns momentos está elevada, mas em outros tem uma redução (QUESTIONÁRIO, P2, 2019).

Com estas respostas concluímos que a inclusão só é tentada mediante a um laudo. O que é muito preocupante, pois nitidamente os professores e a escola não estão preparados para perceber algo atípico na criança e saber como orientar a família.

Entendemos que existem casos de grande negação da família, contudo podemos apostar em formações continuadas, perceber sinais e/ou características assintomáticas das deficiências e transtornos mais comuns nas escolas de ensino comum. E principalmente como fazer a abordagem de maneira que ganhe os responsáveis e não que os afaste de nós enquanto escola.

As adaptações e/ou flexibilizações não tem a necessidade de acontecer somente a *priori* do laudo. Percebemos também que muitas responsabilidades recaíram sobre a escola, que algumas delas não somos a favor, uma vez que isso ausenta os responsáveis em suas responsabilidades.

Contudo, é na escola que esses sinais precisam ser compreendidos, pois responsáveis não tem o conhecimento sobre didática, educação inclusiva e outras abordagens de cunho pedagógico.

Foram feitas várias intervenções metodológicas, porem entre elas o que se tem como primordial foi o resgate, em que a escola alcança a família e trabalham em conjunto para o bom desenvolvimento e a melhoria na aprendizagem do aluno (QUESTIONÁRIO, Coordenação, 2019).

Este resgate não foi explicado como ocorreu, nem como é feito esse trabalho em conjunto com os pais, uma vez que tentamos uma entrevista com a mãe de Fernando e ela se negou a participar da pesquisa. Será que alguém da escola realizou alguma orientação ensinando a mãe desenvolver alguma intervenção com seu filho. Pois, se os professores que se recusaram e a P2 ainda encontram muitas dificuldades, como é feito esse trabalho em conjunto?

Com base nas análises e tratamento dos dados pontua-se a seguir as conclusões da pesquisa e se nossa problemática norteadora obteve a resposta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que norteou toda a pesquisa foi buscar respostas, se os professores alfabetizadores têm condições de perceber a possibilidade de uma criança ser disléxica, caso sim, como professor e escola procedem nas orientações aos responsáveis?

Para esta resposta foi selecionada uma escola, uma sala de aula e uma criança, que por um acaso está no terceiro ano e somente neste ano foi realizado uma avaliação por psicopedagoga que apontou características de Transtorno Deficit de Atenção e Dislexia, ressaltamos que tivemos acesso ao diagnóstico psicopedagógico, mas não foi permitida a cópia do documento e por esta razão não consta em anexos.

Diante as análises concluímos em primeiro lugar que, a maioria dos professores que entram naquela sala buscam por metodologias inclusivas, ainda que talvez não possam ser assertivas, mas eles buscam.

Outro ponto, é que também existe a resistência de outros, assim como ainda é apresentado em vários veículos de informação a grande luta que o processo de inclusão ainda enfrenta.

Então, evidente que se não sabiam ou não estão seguros para atender uma criança disléxica, também não sabem os sintomas. O que foi relatado pelos docentes acerca das características da dislexia é a letra espelhada, e os atrasos na leitura e na escrita. E de modo que confirmemos que a escola pode não saber identificar está relacionada que Fernando iniciou sua vida escolar na escola *lócus* de pesquisa.

E somente no 2º ano começaram a apertar mais os responsáveis para a busca de ajuda. Logo, entendemos que existe a possibilidade que a abordagem não está tendo sucesso por não saber como proceder, pois, se a pesquisa mostrou que adaptações foram feitas somente após o diagnóstico psicopedagógico e o rótulo de “aluno preguiçoso” caiu. Será que este rótulo não foi transmitido de alguma maneira e por esta razão os pais não acreditaram que poderia ser algo mais sério?

Diante destas novas dúvidas que surgiram, exemplificamos algumas sugestões, de possibilidades de identificação precoce e abordagem referente aos responsáveis, das quais seria fazer reuniões com os responsáveis, a escola e a

própria psicopedagoga com o objetivo de conscientizar a família da necessidade de buscar outros profissionais. Realizar grupos de estudos e formações continuadas em perceber os sinais que a criança pode dar e podendo ser público-alvo da educação especial, pois o grande sucesso atualmente da educação especial não é mais laudar a criança e sim intervir precocemente.

Fernando ainda não tem o laudo fechado até o dia final das observações, ou seja, qual seria o trabalho em conjunto que a escola conseguiu realizar com a família? Fernando fica agitado quando não consegue realizar as atividades e bastante disperso. Normalmente é realizado um tratamento medicamentoso para a desatenção. Entende-se que a família pode ser que não buscou mais a ajuda para auxiliar o desenvolvimento de seu filho. E a escola? Contentou-se com a dislexia e isso serve de respaldo caso a criança não evolua, o que de fato está acontecendo?

Daí a necessidade de se formarem grupos de estudos nas escolas, para a discussão e a compreensão dos problemas educacionais, à luz do conhecimento científico e interdisciplinarmente, se possível. Os grupos são organizados espontaneamente pelos próprios professores, no horário em que estão nas escolas. Essas reuniões têm como ponto de partida as necessidades e os interesses comuns de alguns professores de esclarecer situações e de aperfeiçoar o modo como trabalham nas salas de aula. O foco da formação é o desenvolvimento da competência de resolver problemas pedagógicos. Analisa-se, então, como o ensino está sendo ministrado e a construção do conhecimento pelos alunos, pois esses processos interagem e esses dois lados - ensino e aprendizagem - devem ser avaliados sempre que se quiser esclarecê-los (MANTOAN, 2003, p. 45).

Então, a resposta dessa problemática pontua-se que, não, o professor ainda não está preparado para a identificação precoce e existindo a possibilidade de uma abordagem aos responsáveis não tão assertivas. Portanto, nossas considerações finais, deixa evidente o quão necessária à formação continuada dos professores para que a inclusão não dependa apenas do laudo e que a escola tenha condições de incluir e orientar.

Enfatizamos que, não se podem generalizar os fatos aqui expostos, uma vez que o estudo de caso é bastante direcionado apenas nos sujeitos aqui apresentados. Bem como esta pesquisa não se dá como finalizada, pois se pretende novas pesquisas a partir de lacunas aqui deixadas, visto que inúmeras indagações foram surgindo a partir das análises de dados.

Enquanto isso, seguimos na tentativa, da tarefa majestosa e árdua em incluir aqueles que não se enquadra em uma sociedade tão assimétrica com a ilusão de sociedade padrão ou simetricamente perfeita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Normatizações Nacionais e Locais

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/96. Brasília: 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: adaptações curriculares. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1998.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao-especial.pdf>. Acesso em: 24 setembro. 2019.

_____. **Censo Escolar 2014**. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2019/06/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

_____. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2018/2019/Lei/L13146.html. Acesso em: 10 agos. 2015.

UNESCO (1994) **Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Acção – Necessidades Educativas Especiais**. Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Disponível em <<http://www.portal.mec.gov.br/seesp/pdf>> PDF acesso em 18 ago. 2019

Sites, Livros e Artigos Científicos.

BRASIL. **CÂMARA DOS DEPUTADOS**. 2019. Site disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/406087-educacao-aprova-programa-para-acompanhar-dislexia-e-tdah-em-escolas/>> Acesso em 01 dez. 2019.

CIASCA, S. M. [et al.]. **Transtornos de aprendizagem**: neurociência e interdisciplinaridade. 1 ed. Ribeirão Preto - SP. 2015.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para Inclusão e Diversidade**. Rio de Janeiro : Wak Editora, 2016.

FACION, J. R. **Inclusão escolar e implantações**. 2.ed. – Curitiba: Ibpex, 2008.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, M; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**São Paulo: Moderna, 2003.

MOOJEN, S. M.P. **A escrita ortográfica na escola e na clinica:** teoria, avaliação e tratamento. 2ª Ed. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2011.

PENNINGTON, B. F. **Diagnostico de distúrbio de Aprendizagem:** um referencial neuropsicológico. São Paulo: Pioneira, 1997.

SOARES, M. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Alfabetização e Letramento** 6 ed ., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ANEXO A - DIÁRIO DE CAMPO

1ª Observação

Primeiro dia, o aluno Fernando não foi a escola, pois mora em área rural e era uma manhã chuvosa, o ônibus não consegue entrar no local para pegar os alunos por causa do barro.

Como haviam ido poucos alunos, a professora conversou conosco, mostrou o modo de avaliação, o caderno de avaliação diagnóstica, como ocorria a flexibilização dos conteúdos, qual a rotina escolar dos alunos, como trabalha em sala de aula, como são elaboradas as provas adaptadas. Explicou que o aluno participa da Sala de Recursos Múltiplos no contra turno, comentou sobre a parceria da professora da sala de recursos, sobre o estudo feito sobre o transtorno de aprendizagem e dislexia feito com a coordenadora pedagógica, como era o auxílio da mesma com os professores.

2ª Observação

Primeira e segunda aulas foram de Espanhol, a professora pediu para não realizar a observação nas aulas dela. Terceira aula é de Matemática, a professora regente iniciou a aula com uma oração, após a oração começou a tomar tabuada na lousa de toda a turma, do 1x ao 10x. Quarto tempo, a professora iniciou atividades para copiar da lousa, para o aluno Fernando ela cobrou apenas três atividades, pois deveria copiar da lousa, os demais foram seis atividades, no quarto tempo deveriam copiar e no quinto responder as atividades, o professor de apoio observava se os alunos estavam acompanhando conforme o combinado. O aluno Fernando conseguiu resolver as atividades sem a intervenção do professor de apoio, somente com a explicação da professora.

3ª Observação

Primeira e segunda aulas foram de Educação Física, o professor entrou na sala, aguardou o silêncio, fez chamada e levou os alunos até a quadra para realizar

o circuito que havia organizado antes de entrar na sala. Pediu para os alunos fazerem um círculo para se aquecerem, foram quinze minutos de aquecimento, após o aquecimento, pediu para formarem filas e organizou quatro grupos mistos de meninas e meninos. O aluno Fernando era um dos líderes, os grupos deveriam seguir os comandos dos líderes, até chegar no final e pegar uma garrafa que significava a vitória do grupo. Depois da conclusão do circuito o professor deixou os alunos ficarem meia hora com brincadeiras livres e no final das brincadeiras levou-os para o lanche. Terceiro e quarto tempo aula de Artes, a professora pediu para não observar suas aulas.

Quarto e quinto tempo, aula de Ciências, a professora iniciou a aula pedindo para os alunos pegarem o caderno e que copiassem o texto da lousa, para o aluno Fernando ela havia levado o texto digitado e fichas de atividades referente ao texto. O professor de apoio explicou o que o aluno deveria fazer e o aluno fez.

4ª Observação

Primeira aula de matemática, a professora iniciou a aula com uma oração, tomou tabuada da sala em conjunto e passou cálculos de multiplicação. O aluno Fernando demorou, mas conseguiu concluir.

Segunda e terceira aula foram de Língua Portuguesa, a professora pediu aos alunos que copiassem em seu caderno de avaliação diagnóstica as atividades que seriam passadas na lousa, que era um ditado, formação de frases, substantivos próprio e comum. Ela explicou e pediu para os alunos resolverem durante uma aula.

Quinta aula de Ciências, a professora esperou os alunos se acalmarem, iniciou a aula lembrando do conteúdo da aula anterior e pediu para o professor de apoio entregar as fichas de atividades para o aluno Fernando, o professor de apoio explicou o que deveria ser feito e os demais iriam copiar da lousa. Fernando estava muito agitado e demorou para fazer as atividades, não quis pintar e não parava quieto.

5ª Observação

Primeira aula de Matemática, a professora iniciou a aula com a oração, conversou com os alunos sobre os conteúdos de matemática e lhes disse que haveria uma avaliação diagnóstica de Matemática. Pediu para os alunos copiarem da lousa as situações problemas, cálculos de adição, subtração, multiplicação e divisão. De Fernando a professora cobrou a resolução de apenas uma situação problema e três de cada cálculo, a professora disponibilizou uma aula para os alunos responderem.

Terceira aula a professora levou os alunos para lanche, após o lanche ela corrigiu as questões da avaliação diagnóstica na lousa.

Quarta aula, a professora corrigiu a avaliação diagnóstica de língua portuguesa e depois passou atividades relacionadas ao conteúdo, pois percebeu que os alunos estavam com muita dificuldade para resolver, então explicou e resolveu dois exemplos e deixou que eles concluíssem. Pediu para que os alunos que pudessem, levasse na segunda-feira o papel dobradura para fazerem uma atividade na segunda.

6º Observação

Primeira aula, a professora regente entrou na sala, fez a oração e perguntou quem havia levado o papel dobradura. Pegou os papéis e colocou em sua mesa, pediu para os alunos pegarem o caderno de sala e passou o nome da escola e iniciou um texto. Enquanto os alunos copiavam, a professora pegou-os individualmente e ensinou dobraduras a cada um deles, foi assim até o término da terceira aula.

Na quarta aula a professora leu o texto com os alunos e passou atividades referente ao texto, explicou o que deveria ser feito. Para Fernando ela cobrou a atividade de maneira diferente, fez as perguntas oralmente e ele respondia conforme o que ele havia entendido do texto.

7º Observação

O aluno Fernando não compareceu a escola. Na primeira e segunda aula era de Espanhol. Na terceira, quarta e quinta aula, eram aulas de Matemática. A professora utilizou livro didático.

8º Observação

Primeira e segunda aula era Educação Física, o professor entrou na sala, esperou o silêncio, fez a chamada e conversou com os alunos, pois a escola estava recebendo uma visita importante no 5º ano e os alunos deveriam se comportar, não fazer e muito barulho, pois poderia atrapalhar os colegas porque a quadra era ao lado da sala. Pediu para que os alunos formassem fila ao lado da sala e levou os para a quadra, deixou os alunos com atividades livres.

Terceiro tempo aula de artes. Quarto e quinto tempo, aula de ciências. A professora entrou na sala aguardou o silêncio e fez a chamada. Passou um texto na lousa e pediu para o professor de apoio entregar as fichas para o aluno Fernando, o aluno estava muito agitado e não parava de falar, não concluiu a atividade que a professora de ciências disponibilizou.

APÊNDICEA - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Ponta Porã-MS, 20 de outubro de 2019.

Ilustríssimo (a) Senhor (a)

Eu, Mayra Aline Clarindo Viana, responsável principal pela pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com nome “Dislexia, Identificar ou Diagnosticar Para a Inclusão Escolar Acontecer: um estudo de caso em Ponta Porã”, venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar esta pesquisa na Escola Municipal Novo Saber, para observações de algumas aulas do 3º ano do Ensino Fundamental anos iniciais e aplicação de instrumento de pesquisa para os sujeitos estabelecidos para a mesma, sendo este orientado pela professora Andrea Jara Peralta Freitas.

Este TCC tem como objetivo principal apresentar as possibilidades de identificação da dislexia em crianças no processo de alfabetização e letramento, assim a escola tendo sustentação para orientar a família buscar outros profissionais para a confirmação ou não da dislexia. Os procedimentos adotados serão observação não-participante, diário de campo e questionários. Esta atividade não apresentará riscos aos sujeitos participantes e acontecerá no período matutino na sala do 3º ano do Ensino fundamental Anos Iniciais, terá 25 observações (uma semana). Espera-se com esta pesquisa, identificar possíveis características de um disléxico e as possíveis metodologias que proporcione seu desempenho escolar. Qualquer informação adicional poderá ser obtida nas Faculdades Magsul, no Curso de Pedagogia, no endereço: Av. Presidente Vargas, 725 – Centro – Tel.: (67) 3437-3804 Ponta Porã- MS, E-mail: magsul@terra.com.bre pelos pesquisadores (orientadora –andreajpgfreitas2@gmail.com, contato: (67)9605-2891 e orientanda – mayraalineviana@gmail.com, contato (67)99902-5257.

A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do TCC que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para solucionar ou contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para apresentação e defesa do TCC para uma banca avaliadora, assim como para publicação de artigos científicos e que, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição como nome, endereço e outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicados, pois serão adotados termos fictícios. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, _____ responsável _____ declaro que fui informada dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição coparticipante desta pesquisa poderemos revogar esta autorização, se comprovada atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Pesquisadora	Responsável pela Instituição

Orientadora

Documento em duas vias:

1ª via instituição

2ª via pesquisadores

Observação: informamos que no curso de graduação o responsável pela pesquisa é o professor/orientador.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do trabalho de conclusão de Curso: Transtorno de Aprendizagem: Dislexia

Pesquisador responsável: Mayra Aline Clarindo Viana

Telefone para contato: (67) 99902-5257.

A intenção da pesquisa é investigar se os professores alfabetizadores têm condições de perceber a possibilidade de uma criança ser disléxica, caso sim, como professor e escola procede nas orientações aos responsáveis? Quais as metodologias adotadas ou “não” pelo professor na tentativa de promover a maleabilidade dos conteúdos. Investigar se existem dificuldades para o professor de referência. Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo geral: Apresentar a importância da identificação precoce da criança com dislexia em ambiente escolar.

Sendo sujeito dessa pesquisa, sua participação não trará nenhum tipo de risco, prejuízo, desconforto ou lesão. Portanto não haverá, em decorrência dessa participação, indenizações ou despesas. Sua participação é relevante e imprescindível tanto para a sociedade em geral quanto para sociedade científica, pois, ajudará no esclarecimento de vários elementos atinentes ao desenvolvimento da pesquisa tanto na formação quanto após a formação. Deste modo, sua participação resume-se a responder a questionário mediante roteiro elaborado previamente. Os dados coletados servirão de suporte para análise que comporá uma pesquisa a ser apresentada no trabalho de conclusão do curso de Pedagogia das Faculdades Magsul, e se aprovado, publicado nos diversos órgãos de divulgação científica.

O período de sua participação nessa pesquisa resume-se ao tempo de responder ao questionário. Será garantido o sigilo e anonimato, portanto, não há riscos de identificação de sua pessoa ou das respectivas respostas dadas. Há ainda

a possibilidade da retirada do consentimento a qualquer tempo, bastando, para isso, entrar em contato com o (a) pesquisador (a) já identificado (a).

NOME COMPLETO: Mayra Aline Clarindo Viana

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____

_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo, como sujeito.

Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Ponta Porã / /2019.

ASSINATURA

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:

Assinatura: _____

Nome:

Assinatura: _____

APÊNDICE C - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) DIRETOR (A)

Referente ao aluno Fernando⁹

1. Desde quando Fernando é aluno da escola?
2. Atualmente como acontece o acompanhamento e/ou intervenção da escola com Fernando?
3. Referente à adaptação dos profissionais da escola, como foi ou como está sendo o atendimento referente à inclusão?
 - () Tranquilo, pois a aceitação e o fazer da inclusão não estão sendo problema.
 - () Complicado, pois ainda encontro resistências e/ou dificuldades de alguns para o trato com o aluno.
 Explique:
5. Entendemos, em um contexto geral, das dificuldades em trazer a família como aliada para a escolarização das crianças. Diretora família de Fernando é participativa?
 - a) Um pouco
 - b) Não
 - c) Sim
 - d) Outros
 Comente:
6. Em quanto diretor da escola pensa que a escola está devidamente preparada para atender e incluir Fernando no que tange estruturas arquitetônicas, de pessoal atuante da escola, pedagógicos, curriculares e avaliação?
 - a) Um pouco
 - b) Não
 - c) Sim
 - d) Outros
 Comente:
7. A escola já promoveu alguma formação continuada com direcionamento à inclusão aos professores e aos demais profissionais da escola? De que maneira?
 - a) Sim, pequenos grupos de estudos.
 - b) Sim, trazendo profissionais de fora para o auxílio da escola.
 - c) Sim, com reuniões e discussões com ênfase ao aluno Fernando.
 - d) Sim, as formações ficam por responsabilidades das técnicas de Educação da Secretaria de Educação.
 - e) Não, por não sabermos como proceder.
 - f) Não, por resistência dos demais grupos da escola.
 Comente:

⁹ Codinome para o sujeito/aluno da pesquisa.

APÊNDICE D - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) COORDENADOR (A)

Referente ao aluno Fernando

1. Há quanto tempo acompanha Fernando enquanto coordenação?
2. No tempo em que Fernando está matriculado na escola sempre apresentou dificuldades de aprendizagem?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Às vezesComente:
3. Enquanto coordenador de que maneira acontece o seu acompanhamento junto aos professores referente ao planejamento?
 - a) Quinzenal e com observações em sala de aula esporádicas
 - b) Mensal e com observações em sala de aula esporádicas.
 - c) Mensal em reuniões pedagógicas.
 - d) Outros
4. Com relação a Fernando de que maneira orienta os professores no trato com a criança?
 - a) Ainda não temos um norte a seguir, pois não sabemos como proceder.
 - b) No momento em que realizo o acompanhamento do planejamento.
 - c) Realizamos grupos de estudos e estudamos juntos.
 - d) Procuo trazer profissionais de fora para nos orientar como proceder em todos os aspectos.
5. Sente-se preparado para orientar seus professores no que tange as flexibilizações pedagógicas e/ou no trato ao aluno Fernando?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Em parteJustifique:
6. Enquanto coordenador pensa que a escola está devidamente preparada para atender e incluir Fernando no que tange ao pessoal atuante da escola, pedagógicos, curriculares e avaliação?
Comente:
7. A escola já promoveu alguma formação continuada aos professores e aos demais profissionais da escola no que tange a Inclusão? De que maneira?
 - a) Sim, pequenos grupos de estudos.
 - b) Sim, trazendo profissionais de fora para o auxílio da escola.
 - c) Sim, com reuniões e discussões com ênfase ao aluno Fernando.
 - d) Sim, as formações ficam por responsabilidades das técnicas de Educação da Secretaria de Educação.
 - e) Não, por não sabermos como proceder.

f) Não, por resistência dos demais grupos da escola.

Se preferir, comente algo:

9.O que mudou referente ao diagnóstico ou parecer de Transtorno de Aprendizagem: dislexia no desenvolver das atividades e no atendimento ao Fernando?

10.Coordenador, existem dificuldades no processo de inclusão de Fernando no que se refere à escola?

a) Não, pois o processo de inclusão acontece de modo tranquilo, uma vez que a escola não tem resistência em incluir.

b) Sim, pois não temos conhecimento sobre o dislexia.

c) Sim, uma vez que ainda encontramos resistências de alguns.

d) Outros

APÊNDICE E - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA O (A) PROFESSOR (A)

Referente ao aluno Fernando

1. Quando percebeu que a dificuldade de aprendizagem de Fernando estava mais acentuada do que o normal qual foi sua primeira impressão?

a) Sem saber o que fazer, logo solicitei ajuda da coordenação

b) Tranquilo, pois desconfieei de um transtorno.

c) Já tinha conhecimento da situação referente a Fernando de anos anteriores.

2. Recebe orientações pedagógicas no que tange a planejamento do seu coordenador com que frequência?

a) Quinzenal e com observações em sala de aula esporádicas

b) Mensal e com observações em sala de aula esporádicas.

c) Mensal em reuniões pedagógicas.

d) Outros

4. Em relação a Fernando de que maneira recebe orientação do seu coordenador no trato com a criança?

a) Ainda não temos um norte a seguir, pois não sabemos como proceder.

b) No momento em que realizo o planejamento e a coordenação vista.

c) Realizamos grupos de estudos e estudamos juntos.

d) Já foi proporcionada com profissionais de fora está orientação de como proceder

e) Nenhuma, pois acredito que seja mais falta de estímulos fora da escola e nada relacionado a um transtorno de aprendizagem.

5. Sente-se preparado no trato e nas flexibilizações curriculares e avaliativas referente a Fernando?

a) Sim

b) Não

c) Em parte

Justifique:

6. Respostas de avaliação conjugada

a) Em adaptação curricular para contemplar uma criança com dislexia quais os manejos realizados?

Exemplifique como procede

b) Recebeu alguma orientação para realizar as adaptações? Se sim de qual profissional?

I - Sim, pelo (os) o (os) profissional (is)

II - Não, as realizo como acredito que seja ou da maneira que é possível naquele momento.

7. A escola já promoveu alguma formação continuada aos professores e aos demais profissionais da escola no que tange a Inclusão? De que maneira?

- a) Sim, pequenos grupos de estudos.
- b) Sim, trazendo profissionais de fora para o auxílio da escola.
- c) Sim, com reuniões e discussões com ênfase ao aluno Fernando.
- d) Sim, as formações ficam por responsabilidades das técnicas de Educação da Secretaria de Educação.
- e) Não, por não sabermos como proceder.

Se preferir, comente algo:

8. Professor acredita que a escola está devidamente preparada para atender e incluir Fernando no que tange estruturas arquitetônicas, de pessoal atuante da escola, pedagógicas, curriculares e avaliação?

Comente:

9. O que mudou referente ao diagnóstico / parecer de Transtorno de Aprendizagem: dislexia, no desenvolver das atividades e no atendimento ao Fernando?

10. Professor, encontra dificuldades no processo de inclusão de Fernando?

- a) Não, pois tenho formação na área de transtornos de aprendizagem.
- b) Não, pois recebo apoio da equipe pedagógica.
- c) Sim, pois não temos conhecimento sobre como proceder referente a dislexia
- c) Sim, pois acredito que a criança poderia estar em uma escola especializada, exemplo, APAE.
- d) Outros

11. Acredita em algum método (qual?) que possa auxiliar Fernando no processo de desenvolvimento psíquico, pedagógico, social, afetivo e motor de Fernando?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não sei afirmar, pois desconheço as possibilidades que são possíveis para um disléxico.
- d) Não sei afirmar, pois desconheço os benefícios às fragilidades de um disléxico
- e) Outros

12. De modo geral realiza adaptações curriculares e avaliativas de suas aulas? Pode citar um planejamento que já tenha feito em sala.